

Títulos da dívida externa brasileira têm forte queda

ESTADO DE SÃO PAULO

*C-Bond fechou em
baixa de 2,36% e
Global 27 recuou
4,64% ontem*

ELIANA BRYANT

A constatação de que os preços das commodities devem cair mais que o esperado, em razão da crise asiática, num momento altamente volátil nos mercados globais, provocou pesadas quedas nos títulos da dívida externa dos países emergentes. Embora as preocupações, ontem, se concentrassem em Chile, Rússia e África do Sul, os papéis emitidos pelo Brasil sofreram fortes baixas, como sempre motivadas por sua maior liquidez. Os volumes negociados foram altos.

Os C-Bonds, títulos da dívida externa brasileira mais negociados, perderam 2,36%, fechando a 72,125% do valor de face e pagando ágio de 722 pontos básicos acima do retorno dos bônus do Tesouro americano. Durante o dia, chegaram a ser negociados a um mínimo de 71,125% do valor de face.

Os bônus Global com resgate em 2027, menos líquidos, mas considerados como referência por investidores, recuaram 4,64%. Fecharam negociados a 84,75% do valor de face, com ágio de 651 pontos básicos. "A situação interna brasileira é considerada positiva, mas a vulnerabilidade externa do País é fator de preocupação para o mercado", disse um operador em São Paulo.

Rússia – Os papéis da Rússia, cujo volume de negócios representa, no máximo, um terço em relação

aos títulos brasileiros, caíram tanto que é possível dizer que eles perderam temporariamente o referencial, disse um analista em Nova York. A Rússia, lembrou, está procurando trocar dívida interna por dívida externa, num momento em que sua economia e sistema financeiro se encontram extremamente desorganizados, provocando enorme desconfiança entre os investidores.

Os IAN, papéis mais negociados da dívida externa russa, tiveram seu ágio elevado para 1,1 mil pontos básicos ontem, refletindo essa perda de credibilidade.

O Chile, que depende fortemente das exportações de cobre e já vinha sendo pressionado em vista da retração imposta pela crise asiática, foi outro fator negativo para os mercados emergentes. Em Nova York, comentava-se que o Banco Central chileno vendeu cerca de US\$ 1 bilhão de reservas para defender o peso.

Na África do Sul, a vulnerabilidade fica evidente pela dependência da exportação de ouro – commodity supérflua e em baixa – e limitada margem de manobra do governo no o mercado financeiro, muito grande em comparação com o Produto In-

TURBULÊNCIA NO CHILE E NA ÁFRICA DO SUL AJUDOU QUEDA

terno Bruto do País (PIB). O valor de mercado das ações de empresas sul-africanas corresponde mais ou menos ao dobro do PIB do país; no Brasil, essa proporção é de menos de um terço.

A sensação de aumento de risco nos investimentos em títulos de países emergentes impulsionou ainda mais o mercado de bônus do Tesouro americano. O T-Bond de 30 anos pagava ontem retorno de 5,63%, contribuindo para ampliar o ágio dos papéis emergentes.